

MATEMÁTICA DISCRETA

Ano Letivo 2022/23 (Versão: 14 de Maio de 2023)

Departamento de Matemática, Universidade de Aveiro
<https://elearning.ua.pt/>

CAPÍTULO V

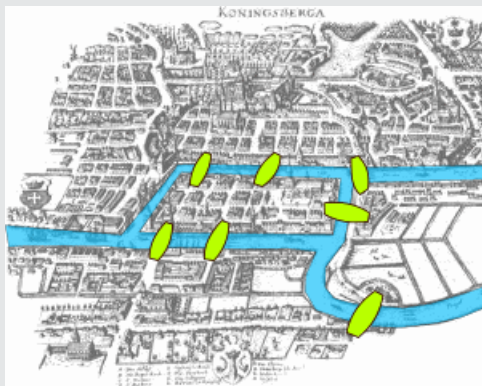
ELEMENTOS DE TEORIA DOS GRAFOS

PARTE I

CONCEITOS BÁSICOS

INTRODUÇÃO

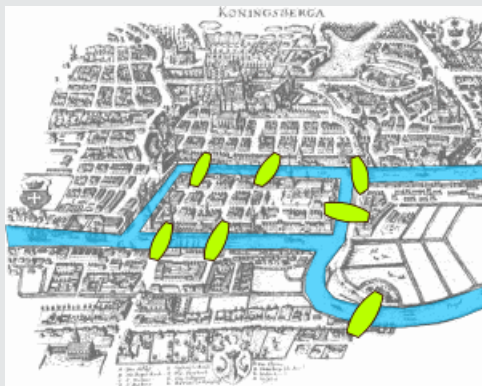
Fazer um passeio ...



Será possível cruzar as sete pontes de Königsberg numa caminhada contínua sem passar duas vezes por uma delas?

Leonhard Euler (1707 – 1783), matemático suíço.

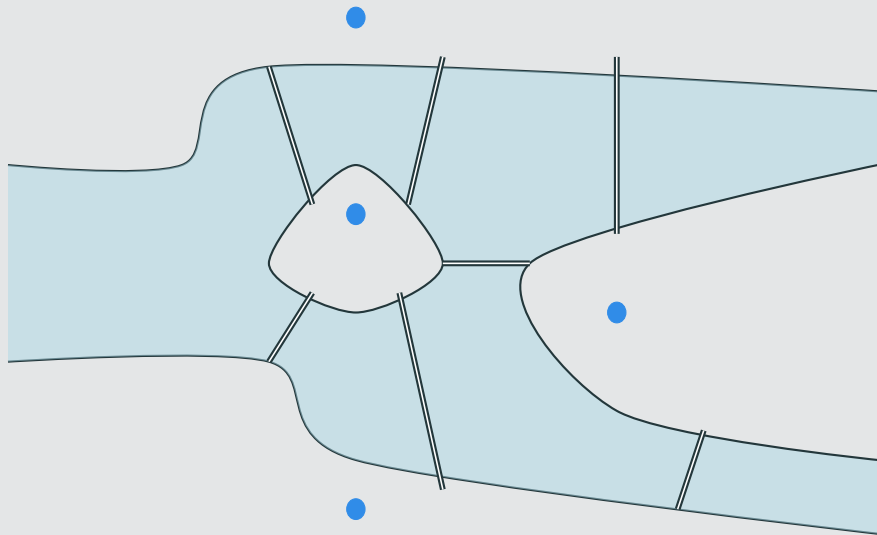
Fazer um passeio ...



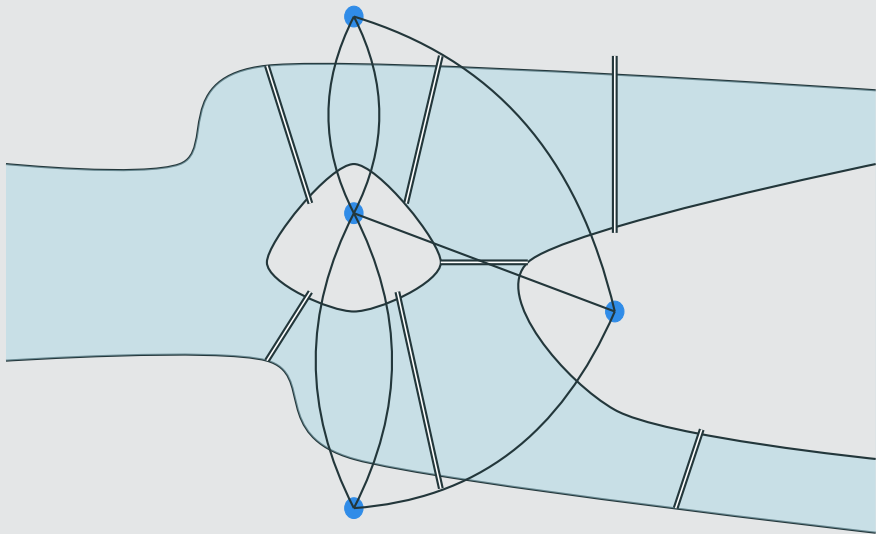
Será possível cruzar as sete pontes de Königsberg numa caminhada contínua sem passar duas vezes por uma delas? Veremos neste capítulo porque a resposta é «Não» ...

Leonhard Euler (1707 – 1783), matemático suíço.

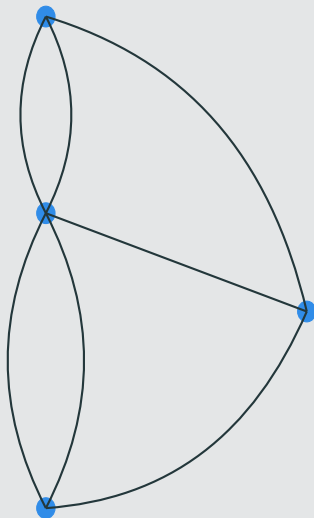
Um modelo matemático



Um modelo matemático



Um modelo matemático



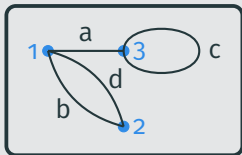
1. Conceitos fundamentais de teoria dos grafos
2. Grafos simples
3. Vizinhança e grau
4. Homomorfismos de grafos, grafos isomorfos e subgrafos

1. CONCEITOS FUNDAMENTAIS DE TEORIA DOS GRAFOS

Definição (grafo não orientado)

Designa-se por **grafo (não orientado)**

Exemplo



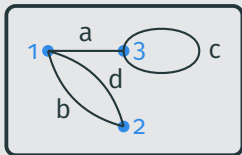
$$V = \{1, 2, 3\}, \quad E = \{a, b, c, d\},$$

Definição (grafo não orientado)

Designa-se por **grafo (não orientado)** um terno $G = (V, E, \psi)$ onde

- V é um conjunto (os elementos de V chamamos **vértices**),
- E é um conjunto (os elementos de E chamamos **arestas**, tipicamente E é disjunto de V),

Exemplo



$$V = \{1, 2, 3\}, \quad E = \{a, b, c, d\},$$

Definição (grafo não orientado)

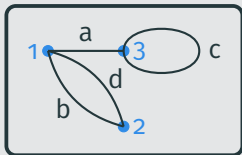
Designa-se por **grafo (não orientado)** um terno $G = (V, E, \psi)$ onde

- V é um conjunto (os elementos de V chamamos **vértices**),
- E é um conjunto (os elementos de E chamamos **arestas**, tipicamente E é disjunto de V),
- ψ é uma função (a **função de incidência** do grafo)

$$\psi: E \longrightarrow \{A \subseteq V \mid 1 \leq |A| \leq 2\}.$$

Se $\psi(a) = \{u, v\}$, u e v dizem-se os **pontos extremos** da aresta a .

Exemplo



$$V = \{1, 2, 3\}, \quad E = \{a, b, c, d\},$$

$$\psi(a) = \{1, 3\}, \quad \psi(b) = \{1, 2\}, \quad \psi(c) = \{3\},$$

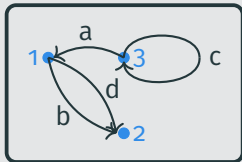
$$\psi(d) = \{1, 2\} = \{2, 1\}.$$

Definição (grafo orientado)

Designa-se por **grafo orientado** (ou **digrafo**) um terno $\vec{G} = (V, E, \psi)$ onde

- V é um conjunto (os elementos de V chamamos **vértices**),
- E é um conjunto (os elementos de E chamamos **arcos**, tipicamente E é disjunto de V),

Exemplo



$$V = \{1, 2, 3\}, \quad E = \{a, b, c, d\},$$

Definição (grafo orientado)

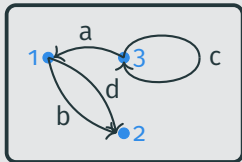
Designa-se por **grafo orientado** (ou **digrafo**) um terno $\vec{G} = (V, E, \psi)$ onde

- V é um conjunto (os elementos de V chamamos **vértices**),
- E é um conjunto (os elementos de E chamamos **arcos**, tipicamente E é disjunto de V),
- ψ é uma função (a **função de incidência** do grafo)

$$\psi: E \longrightarrow V \times V.$$

Se $\psi(a) = (u, v)$, u diz-se **cauda** de a e v **cabeça** de a .

Exemplo



$$V = \{1, 2, 3\}, \quad E = \{a, b, c, d\},$$

$$\psi(a) = (3, 1), \quad \psi(b) = (1, 2), \quad \psi(c) = (3, 3),$$

$$\psi(d) = (1, 2).$$

Grafos orientados vs. não-orientados

A cada grafo orientado $\vec{G} = (V, E, \psi)$ podemos associar um grafo não orientado $G = (V, E, \hat{\psi})$ onde

$\hat{\psi}(a) = \{u, v\}$ precisamente quando $\psi(a) = (u, v)$ ou $\psi(a) = (v, u)$

(ou seja, esquecemos a direção dos arcos).

Exemplo



Grafos orientados vs. não-orientados

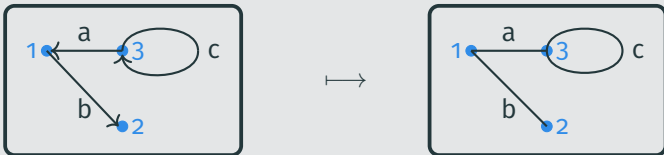
A cada grafo orientado $\vec{G} = (V, E, \psi)$ podemos associar um grafo não orientado $G = (V, E, \hat{\psi})$ onde

$\hat{\psi}(a) = \{u, v\}$ precisamente quando $\psi(a) = (u, v)$ ou $\psi(a) = (v, u)$

(ou seja, esquecemos a direção dos arcos).

Desse modo, vários conceitos de grafos aplicam-se igualmente aos digrafos.

Exemplo



Definição

Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

Definição

Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

- Uma aresta (um arco) com os pontos extremos iguais diz-se **lacete**.

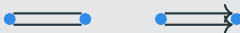


Definição

Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

- Uma aresta (um arco) com os pontos extremos iguais diz-se **lacete**.
- Arestas com os mesmos vértices extremos designam-se por **arestas paralelas**, e arcos com a mesma cauda e a mesma cabeça designam-se por **arcos paralelos**.

- paralelas:



- não paralelas:



Definição

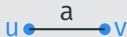
Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

- Uma aresta (um arco) com os pontos extremos iguais diz-se **lacete**.
- Arestas com os mesmos vértices extremos designam-se por **arestas paralelas**, e arcos com a mesma cauda e a mesma cabeça designam-se por **arcos paralelos**.
- G (respetivamente \vec{G}) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes.

Definição

Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

- Uma aresta (um arco) com os pontos extremos iguais diz-se **lacete**.
- Arestas com os mesmos vértices extremos designam-se por **arestas paralelas**, e arcos com a mesma cauda e a mesma cabeça designam-se por **arcos paralelos**.
- G (respetivamente \vec{G}) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes.
- Uma aresta (um arco) diz-se **incidente** nos seus vértices extremos.



a aresta a é incidente nos vértices u e v .

Definição

Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

- Uma aresta (um arco) com os pontos extremos iguais diz-se **lacete**.
- Arestas com os mesmos vértices extremos designam-se por **arestas paralelas**, e arcos com a mesma cauda e a mesma cabeça designam-se por **arcos paralelos**.
- G (respetivamente \vec{G}) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes.
- Uma aresta (um arco) diz-se **incidente** nos seus vértices extremos.
- Os vértices u e v dizem-se **adjacentes** se existe uma aresta (um arco) com pontos extremos u e v .

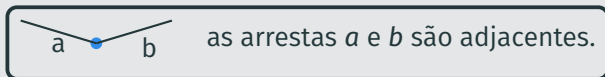


os vértices u e v são adjacentes.

Definição

Consideremos um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$.

- Uma aresta (um arco) com os pontos extremos iguais diz-se **lacete**.
- Arestas com os mesmos vértices extremos designam-se por **arestas paralelas**, e arcos com a mesma cauda e a mesma cabeça designam-se por **arcos paralelos**.
- G (respetivamente \vec{G}) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes.
- Uma aresta (um arco) diz-se **incidente** nos seus vértices extremos.
- Os vértices u e v dizem-se **adjacentes** se existe uma aresta (um arco) com pontos extremos u e v .
- Arestas (arcos) incidentes num mesmo vértice dizem-se **adjacentes**.



Definição

Um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ diz-se **finito** quando os conjuntos V e E são finitos.

Definição

Um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ diz-se **finito** quando os conjuntos V e E são finitos.

Nota

No que se segue, consideremos tipicamente grafos finitos.

Definição

Um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ diz-se **finito** quando os conjuntos V e E são finitos.

Nota

No que se segue, consideremos tipicamente grafos finitos.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito.

Definição

Um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ diz-se **finito** quando os conjuntos V e E são finitos.

Nota

No que se segue, consideremos tipicamente grafos finitos.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito.

- **ordem de G :** $\nu(G) = |V|$ (o número de vértices).

Definição

Um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ diz-se **finito** quando os conjuntos V e E são finitos.

Nota

No que se segue, consideremos tipicamente grafos finitos.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito.

- **ordem de G :** $\nu(G) = |V|$ (o número de vértices).
- **dimensão de G :** $\epsilon(G) = |E|$ (o número de arestas).

Definição

Um grafo $G = (V, E, \psi)$ respetivamente digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ diz-se **finito** quando os conjuntos V e E são finitos.

Nota

No que se segue, consideremos tipicamente grafos finitos.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito.

- **ordem de G :** $\nu(G) = |V|$ (o número de vértices).
- **dimensão de G :** $\epsilon(G) = |E|$ (o número de arestas).

(E da forma igual para digrafos.)

2. GRAFOS SIMPLES

Recordamos:

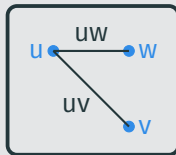
Um grafo (respetivamente digrafo) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes. (Di)Grafos não simples denota-se também por **multi(di)grafo**.

Recordamos:

Um grafo (respetivamente digrafo) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes. (Di)Grafos não simples denota-se também por **multi(di)grafo**.

Nota

Num grafo (respetivamente digrafo) **simples**, cada aresta (arco) a é completamente determinada(o) pelos vértices extremos u e v (cauda u e cabeça v). Neste caso escrevemos da forma mais sugestivo uv em lugar de a .

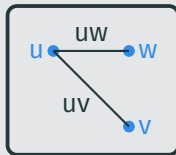


Recordamos:

Um grafo (respetivamente digrafo) diz-se **simples** quando não contém arestas (arcos) paralelas(os) nem lacetes. (Di)Grafos não simples denota-se também por **multi(di)grafo**.

Nota

Num grafo (respetivamente digrafo) **simples**, cada aresta (arco) a é completamente determinada(o) pelos vértices extremos u e v (cauda u e cabeça v). Neste caso escrevemos da forma mais sugestivo uv em lugar de a .



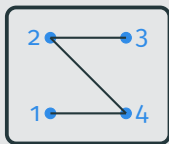
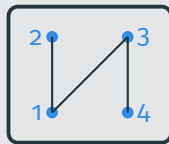
Com esta notação, o (di)grafo (V, E, ψ) é completamente determinado por (V, E) (ou seja, podemos «dispensar» ψ).

Definição

Seja $G = (V, E)$ um grafo simples. O **grafo complementar** de G é o grafo $G^c = (V, E^c)$ com o mesmo conjunto de vértices e com

$$uv \in E^c \iff uv \notin E.$$

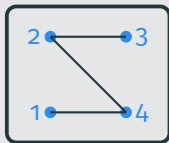
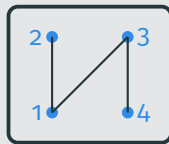
Exemplo

 G

 G^c


Definição

Seja $G = (V, E)$ um grafo simples. O **grafo complementar** de G é o grafo $G^c = (V, E^c)$ com o mesmo conjunto de vértices e com

$$uv \in E^c \iff uv \notin E.$$

Exemplo G  G^c **Nota**

Portanto, $(G^c)^c = G$.

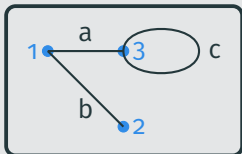
3. VIZINHANÇA E GRAU

Definição

- Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e $v \in V$.

Definição

- Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e $v \in V$. O conjunto de todos os vértices adjacentes a v designa-se por **vizinhança** de v e denota-se por $\mathcal{N}_G(v)$ (ou simplesmente $\mathcal{N}(v)$).

Exemplo

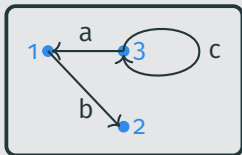
$$\mathcal{N}(1) = \{2, 3\},$$

$$\mathcal{N}(2) = \{1\},$$

$$\mathcal{N}(3) = \{1, 3\}.$$

Definição

- Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e $v \in V$. O conjunto de todos os vértices adjacentes a v designa-se por **vizinhança** de v e denota-se por $\mathcal{N}_G(v)$ (ou simplesmente $\mathcal{N}(v)$).
- Seja $\vec{G} = (V, E, \psi)$ um digrafo e $v \in V$. A **vizinhança de entrada** de v é o conjunto $\mathcal{N}^-(v)$ de todos os vértices u tal que existe um $e \in E$ com $\psi(e) = (u, v)$, e a **vizinhança de saída** de v é o conjunto $\mathcal{N}^+(v)$ de todos os vértices u tal que existe um $e \in E$ com $\psi(e) = (v, u)$.

Exemplo

$$\mathcal{N}^-(1) = \{3\}, \mathcal{N}^+(1) = \{2\}, \mathcal{N}(1) = \{2, 3\}$$

$$\mathcal{N}^-(2) = \{1\}, \mathcal{N}^+(2) = \emptyset, \mathcal{N}(2) = \{1\}$$

$$\mathcal{N}^-(3) = \{3\}, \mathcal{N}^+(3) = \{1, 3\}, \mathcal{N}(3) = \{1, 3\}$$

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).
- O **maior grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\Delta(G)$:

$$\Delta(G) = \max\{d(v) \mid v \in V\}.$$

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).
- O **maior grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\Delta(G)$:

$$\Delta(G) = \max\{d(v) \mid v \in V\}.$$

- O **menor grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\delta(G)$:

$$\delta(G) = \min\{d(v) \mid v \in V\}.$$

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).
- O **maior grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\Delta(G)$:

$$\Delta(G) = \max\{d(v) \mid v \in V\}.$$

- O **menor grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\delta(G)$:

$$\delta(G) = \min\{d(v) \mid v \in V\}.$$

Nota

No caso de um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$, consideremos ainda

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).
- O **maior grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\Delta(G)$:

$$\Delta(G) = \max\{d(v) \mid v \in V\}.$$

- O **menor grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\delta(G)$:

$$\delta(G) = \min\{d(v) \mid v \in V\}.$$

Nota

No caso de um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$, consideremos ainda

- **o semigrau de entrada**: $d^-(v) = |\{e \mid \exists u \in V \psi(e) = (u, v)\}|$.

Ou seja, $d^-(v)$ é o número de arcos com «cabeça em v ».

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).
- O **maior grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\Delta(G)$:

$$\Delta(G) = \max\{d(v) \mid v \in V\}.$$

- O **menor grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\delta(G)$:

$$\delta(G) = \min\{d(v) \mid v \in V\}.$$

Nota

No caso de um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$, consideremos ainda

- **o semigrau de entrada:** $d^-(v) = |\{e \mid \exists u \in V \psi(e) = (u, v)\}|$.
- **o semigrau de saída:** $d^+(v) = |\{e \mid \exists u \in V \psi(e) = (v, u)\}|$.

Ou seja, $d^+(v)$ é o número de arcos com «cauda em v ».

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo finito com $V \neq \emptyset$.

- Seja $v \in V$. O **grau** de v é o número $d(v)$ de arestas incidentes em v (onde cada lacete conta duas vezes).
- O **maior grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\Delta(G)$:

$$\Delta(G) = \max\{d(v) \mid v \in V\}.$$

- O **menor grau dos vértices** do grafo G denota-se por $\delta(G)$:

$$\delta(G) = \min\{d(v) \mid v \in V\}.$$

Nota

No caso de um digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$, consideremos ainda

- **o semigrau de entrada:** $d^-(v) = |\{e \mid \exists u \in V \psi(e) = (u, v)\}|$.
- **o semigrau de saída:** $d^+(v) = |\{e \mid \exists u \in V \psi(e) = (v, u)\}|$.
- **Nota:** $d(v) = d^-(v) + d^+(v)$.

Exemplo

O Sr. e a Sra. Silva convidaram quatro casais para jantar em casa. Alguns são amigos do Sr. Silva e outros amigos da Sra. Silva. Em casa do casal Silva os convidados que já se conheciam cumprimentaram-se com um aperto de mão e os restantes apenas se saudaram.

Exemplo

O Sr. e a Sra. Silva convidaram quatro casais para jantar em casa. Alguns são amigos do Sr. Silva e outros amigos da Sra. Silva. Em casa do casal Silva os convidados que já se conheciam cumprimentaram-se com um aperto de mão e os restantes apenas se saudaram.

Depois de todos terem chegado o Sr. Silva observou:

se me excluir a mim todos deram um número diferente de apertos de mão.

Exemplo

O Sr. e a Sra. Silva convidaram quatro casais para jantar em casa. Alguns são amigos do Sr. Silva e outros amigos da Sra. Silva. Em casa do casal Silva os convidados que já se conheciam cumprimentaram-se com um aperto de mão e os restantes apenas se saudaram.

Depois de todos terem chegado o Sr. Silva observou:

se me excluir a mim todos deram um número diferente de apertos de mão.

Quantos apertos de mão deu o Sr. Silva?

Exemplo

O Sr. e a Sra. Silva convidaram quatro casais para jantar em casa. Alguns são amigos do Sr. Silva e outros amigos da Sra. Silva. Em casa do casal Silva os convidados que já se conheciam cumprimentaram-se com um aperto de mão e os restantes apenas se saudaram.

Depois de todos terem chegado o Sr. Silva observou:

se me excluir a mim todos deram um número diferente de apertos de mão.

Quantos apertos de mão deu o Sr. Silva?

É claro que os membros de um mesmo casal não se cumprimentaram um ao outro, pelo que o número de cumprimentos variou entre 0 e 8.

Exemplo

O Sr. e a Sra. Silva convidaram quatro casais para jantar em casa. Alguns são amigos do Sr. Silva e outros amigos da Sra. Silva. Em casa do casal Silva os convidados que já se conheciam cumprimentaram-se com um aperto de mão e os restantes apenas se saudaram.

Depois de todos terem chegado o Sr. Silva observou:

se me excluir a mim todos deram um número diferente de apertos de mão.

Quantos apertos de mão deu o Sr. Silva?

É claro que os membros de um mesmo casal não se cumprimentaram um ao outro, pelo que o número de cumprimentos variou entre 0 e 8.

Por outro lado, uma vez que, excluindo o Sr. Silva, todas as restantes 9 pessoas deram um número diferente de apertos de mão, podemos atribuir a cada uma delas exactamente um índice j entre 0 e 8 que corresponde ao número de apertos de mão que deu.

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:

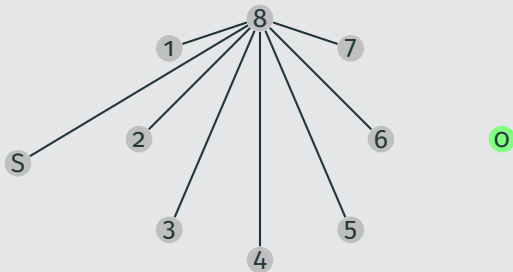


Portanto:

- O vértice n_0 tem grau $d(n_0) = 0$; portanto, nenhuma aresta pode ter um extremo em n_0 .

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:

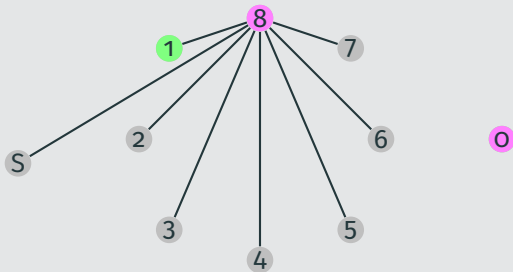


Portanto:

- Uma vez que o n_8 deu 8 apertos de mão, ele apertou a mão a toda a gente, com exceção dele(a) próprio(a) e da mulher/do marido ... logo, n_0 e n_8 são casados.

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:



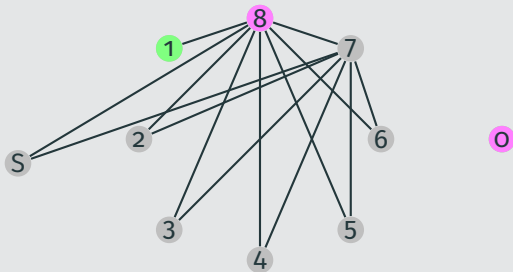
Portanto:

- Uma vez que o n_8 deu 8 apertos de mão, ele apertou a mão a toda a gente, com exceção dele(a) próprio(a) e da mulher/do marido ... logo, n_0 e n_8 são casados.

Já temos $d(n_0) = 0$, $d(n_8) = 8$ e $d(n_1) = 1$, pelo que não pode haver mais arestas com extremos nestes vértices.

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:



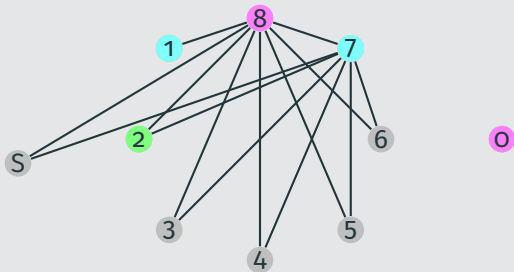
Portanto:

- Por sua vez, n_7 só não apertou a mão a ele próprio, a n_0 e n_1 (uma vez que este último só deu um aperto de mão e foi a n_8).

Logo, n_7 e n_1 são casados

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:



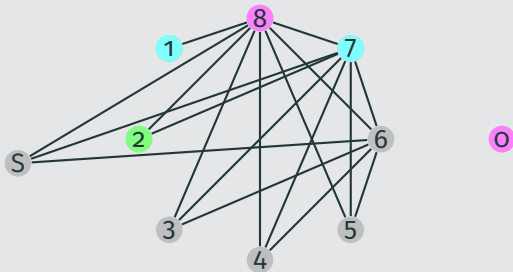
Portanto:

- Por sua vez, n_7 só não apertou a mão a ele próprio, a n_0 e n_1 (uma vez que este último só deu um aperto de mão e foi a n_8).

Logo, n_7 e n_1 são casados e já temos $d(n_2) = 2$.

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:



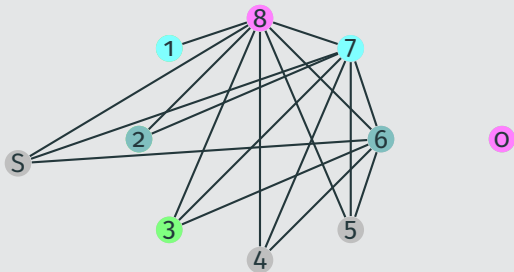
Portanto:

- Por sua vez, n_6 só não deu apertos de mão a si próprio, a n_0 , n_1 e n_2 (note-se que este último deu um aperto de mão a n_8 e n_7).

Logo, n_2 e n_6 são casados

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:

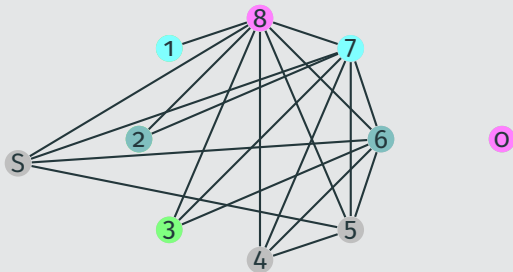


Portanto:

- Por sua vez, n_6 só não deu apertos de mão a si próprio, a n_0 , n_1 e n_2 (note-se que este último deu um aperto de mão a n_8 e n_7).
Logo, n_2 e n_6 são casados e já temos $d(n_3) = 3$.

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:

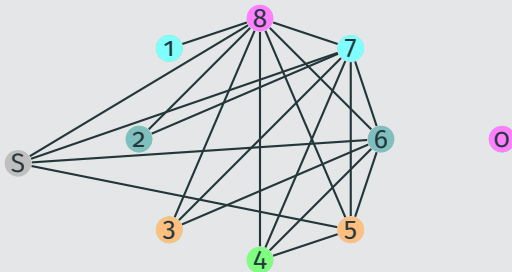


Portanto:

- O n_5 apertou a mão de n_8 , n_7 , n_6 , n_4 e ao Sr. Silva e, consequentemente, é casado com n_3 .

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:

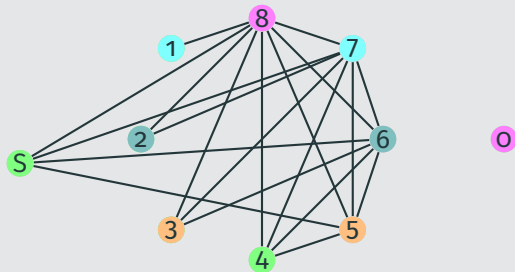


Portanto:

- O n_5 apertou a mão de n_8 , n_7 , n_6 , n_4 e ao Sr. Silva e, consequentemente, é casado com n_3 .

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:



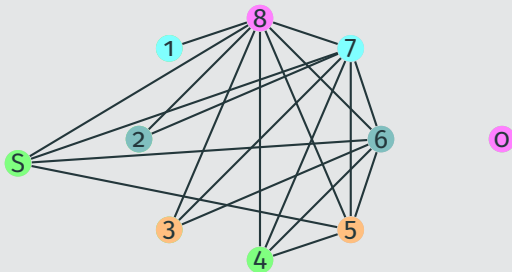
Portanto:

- O n_5 apertou a mão de n_8 , n_7 , n_6 , n_4 e ao Sr. Silva e, consequentemente, é casado com n_3 .

Assim, n_4 é a Sra. Silva (que, naturalmente, não deu um aperto de mão ao Sr. Silva) e ficam determinados todos os apertos de mão.

Exemplo

Utilizando o seguinte grafo:



Portanto:

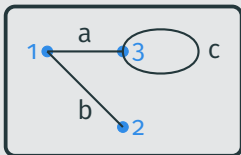
O Sr. Silva apertou a mão a n_8 , n_7 , n_6 e n_5 .

A matriz de incidência

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo (finito). A **matriz de incidência** (aresta-vértice) de G é a matriz do tipo $\nu \times \epsilon$ definida por

$$V \times E \longrightarrow \mathbb{R}, \quad (v, a) \longmapsto \begin{cases} 0 & \text{se } v \notin \psi(a), \\ 1 & \text{se } \psi(a) = \{u, v\} \text{ com } u \neq v, \\ 2 & \text{se } \psi(a) = \{v\}. \end{cases}$$

Exemplo



	a	b	c
1	1	1	0
2	0	1	0
3	1	0	2

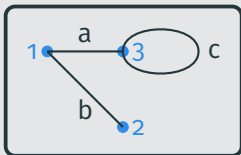
A matriz de incidência

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo (finito). A **matriz de incidência** (aresta-vértice) de G é a matriz do tipo $\nu \times \epsilon$ definida por

$$V \times E \longrightarrow \mathbb{R}, \quad (v, a) \longmapsto \begin{cases} 0 & \text{se } v \notin \psi(a), \\ 1 & \text{se } \psi(a) = \{u, v\} \text{ com } u \neq v, \\ 2 & \text{se } \psi(a) = \{v\}. \end{cases}$$

Nota: Para cada $a \in E$, a soma sobre todos os elementos da «coluna a » é 2. Para cada $v \in V$, a soma sobre todos os elementos da «linha v » é o grau de v .

Exemplo



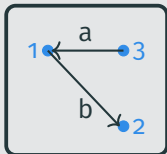
	a	b	c
1	1	1	0
2	0	1	0
3	1	0	2

A matriz de incidência

Seja $\vec{G} = (V, E, \psi)$ um digrafo (finito) sem lacetes. A **matriz de incidência** (aresta-vértice) de \vec{G} é a matriz do tipo $V \times E$ definida por

$$V \times E \longrightarrow \mathbb{R}, \quad (v, a) \longmapsto \begin{cases} -1 & \text{se existe } u \in V \text{ com } (u, v) = \psi(a), \\ 1 & \text{se existe } u \in V \text{ com } (v, u) = \psi(a), \\ 0 & \text{nos outros casos.} \end{cases}$$

Exemplo



	a	b
1	-1	1
2	0	-1
3	1	0

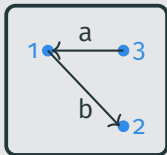
A matriz de incidência

Seja $\vec{G} = (V, E, \psi)$ um digrafo (finito) sem lacetes. A **matriz de incidência** (aresta-vértice) de \vec{G} é a matriz do tipo $\nu \times e$ definida por

$$V \times E \longrightarrow \mathbb{R}, \quad (v, a) \longmapsto \begin{cases} -1 & \text{se existe } u \in V \text{ com } (u, v) = \psi(a), \\ 1 & \text{se existe } u \in V \text{ com } (v, u) = \psi(a), \\ 0 & \text{nos outros casos.} \end{cases}$$

Nota: Para cada $a \in E$, a soma sobre todos os elementos da «coluna a » é 0. Para cada $v \in V$, a soma sobre todos os elementos da «linha v » é igual a $d^+(v) - d^-(v)$.

Exemplo



	a	b
1	-1	1
2	0	-1
3	1	0

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Demonstração.

Somamos de duas maneiras diferentes as entradas da matriz de incidência de G :

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Demonstração.

Somamos de duas maneiras diferentes as entradas da matriz de incidência de G :

- Para cada «linha v », a soma das entradas desta linha é igual ao $d(v)$.

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Demonstração.

Somamos de duas maneiras diferentes as entradas da matriz de incidência de G :

- Para cada «linha v », a soma das entradas desta linha é igual ao $d(v)$. Portanto, a soma de todas as entradas da matriz de incidência é igual à $\sum_{v \in V} d(v)$.

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Demonstração.

Somamos de duas maneiras diferentes as entradas da matriz de incidência de G :

- Para cada «linha v », a soma das entradas desta linha é igual ao $d(v)$. Portanto, a soma de todas as entradas da matriz de incidência é igual à $\sum_{v \in V} d(v)$.
- Para cada «coluna a », a soma das entradas desta coluna é igual à 2.

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Demonstração.

Somamos de duas maneiras diferentes as entradas da matriz de incidência de G :

- Para cada «linha v », a soma das entradas desta linha é igual ao $d(v)$. Portanto, a soma de todas as entradas da matriz de incidência é igual à $\sum_{v \in V} d(v)$.
- Para cada «coluna a », a soma das entradas desta coluna é igual à 2. Portanto, a soma de todas as entradas da matriz de incidência é igual à $2|E|$. □

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Corolário

O número de vértices de grau ímpar é par.

Teorema

Para todo o grafo $G = (V, E, \psi)$ finito, a soma dos graus dos vértices é igual ao dobro do número de arestas, ou seja,

$$\sum_{v \in V} d(v) = 2|E|.$$

Corolário

O número de vértices de grau ímpar é par.

Teorema

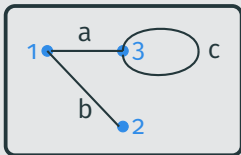
Para todo o digrafo $\vec{G} = (V, E, \psi)$ finito,

$$\sum_{v \in V} d^+(v) = \sum_{v \in V} d^-(v) = |E|.$$

As matrizes de adjacência

- Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo (finito). A **matriz de adjacência** de G é a matriz do tipo $\nu \times \nu$ com entrada (u, v) igual a **número de arestas entre u e v (cada lacete conta duas vezes)**.

Exemplo



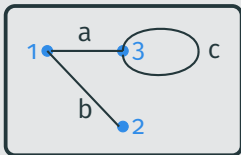
	1	2	3
1	0	1	1
2	1	0	0
3	1	0	2

As matrizes de adjacência

- Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo (finito). A **matriz de adjacência** de G é a matriz do tipo $\nu \times \nu$ com entrada (u, v) igual a **número de arestas entre u e v (cada lacete conta duas vezes)**.

Nota: Esta matriz é simétrica e a soma sobre os elementos da coluna u (ou linha u) é igual ao grau de u .

Exemplo



	1	2	3
1	0	1	1
2	1	0	0
3	1	0	2

As matrizes de adjacência

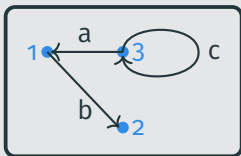
- Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo (finito). A **matriz de adjacência** de G é a matriz do tipo $\nu \times \nu$ com entrada (u, v) igual a **número de arestas entre u e v (cada lacete conta duas vezes)**.

Nota: Esta matriz é simétrica e a soma sobre os elementos da coluna u (ou linha u) é igual ao grau de u .

- Seja $\vec{G} = (V, E, \psi)$ um digrafo (finito). A **matriz de adjacência** de \vec{G} é a matriz do tipo $\nu \times \nu$ definida por

$$V \times V \mapsto \mathbb{R}, \quad (u, v) \mapsto |\{a \in E \mid \psi(a) = (u, v)\}|.$$

Exemplo



	1	2	3
1	0	1	0
2	0	0	0
3	1	0	1

4. HOMOMORFISMOS DE GRAFOS, GRAFOS ISOMORFOS E SUBGRAFOS

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. Um **homomorfismo** de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \implies (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. Um **homomorfismo** de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \implies (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

(No caso de digrafos, escreve-se (u, v) em lugar de $\{u, v\}$.)

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. Um **homomorfismo** de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \implies (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

(No caso de digrafos, escreve-se (u, v) em lugar de $\{u, v\}$.)

Exemplos

- Para cada grafo $G = (V, E, \psi)$, as identidades $\text{id}_V: V \rightarrow V$ e $\text{id}_E: E \rightarrow E$ definem um homomorfismo de G em G .

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. Um **homomorfismo** de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \implies (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

(No caso de digrafos, escreve-se (u, v) em lugar de $\{u, v\}$.)

Exemplos

- Para cada grafo $G = (V, E, \psi)$, as identidades $\text{id}_V: V \rightarrow V$ e $\text{id}_E: E \rightarrow E$ definem um homomorfismo de G em G .
- As compostas de homomorfismos são homomorfismos.

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. Um **homomorfismo** de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \implies (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

(No caso de digrafos, escreve-se (u, v) em lugar de $\{u, v\}$.)

Nota

No caso de grafos simples, e denotando as arestas da forma « uv », a função h acima é completamente determinada por f :

$$h(uv) = f(u)f(v).$$

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. Um **homomorfismo** de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \implies (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

(No caso de digrafos, escreve-se (u, v) em lugar de $\{u, v\}$.)

Nota

No caso de grafos simples, e denotando as arestas da forma « uv », a função h acima é completamente determinada por f :

$$h(uv) = f(u)f(v).$$

Portanto, um homomorfismo entre grafos simples (V_G, E_G) e (V_H, E_H) é dado por uma função $f: V_G \rightarrow V_H$ tal que, para todos os $u, v \in V_G$:

$$uv \in E_G \implies f(u)f(v) \in E_H.$$

Definição

Um homomorfismo de G em H é um **isomorfismo** de G em H se tem um homomorfismo de grafos inverso.

Definição

Um homomorfismo de G em H é um **isomorfismo** de G em H se tem um homomorfismo de grafos inverso.

Nota

Portanto, um isomorfismo de G em H é um par $f: V_G \rightarrow V_H$ e $h: E_G \rightarrow E_H$ de funções bijetivas tais que, para todos os $e \in E_G$ e $u, v \in V_G$,

$$(\psi_G(e) = \{u, v\}) \iff (\psi_H(h(e)) = \{f(u), f(v)\}).$$

Um isomorfismo entre grafos simples (V_G, E_G) e (V_H, E_H) é dado por uma função bijetiva $f: V_G \rightarrow V_H$ tal que, para todos os $u, v \in V_G$:

$$uv \in E_G \iff f(u)f(v) \in E_H.$$

Definição

Um homomorfismo de G em H é um **isomorfismo** de G em H se tem um homomorfismo de grafos inverso.

Exemplos

- Para cada grafo $G = (V, E, \psi)$, as identidades $\text{id}_V: V \longrightarrow V$ e $\text{id}_E: E \longrightarrow E$ definem um isomorfismo de G em G .

Definição

Um homomorfismo de G em H é um **isomorfismo** de G em H se tem um homomorfismo de grafos inverso.

Exemplos

- Para cada grafo $G = (V, E, \psi)$, as identidades $\text{id}_V: V \longrightarrow V$ e $\text{id}_E: E \longrightarrow E$ definem um isomorfismo de G em G .
- Para cada isomorfismo de G em H , as funções $f^{-1}: V_H \longrightarrow V_G$ e $h^{-1}: E_H \longrightarrow E_G$ definem um isomorfismo de H em G .

Definição

Um homomorfismo de G em H é um **isomorfismo** de G em H se tem um homomorfismo de grafos inverso.

Exemplos

- Para cada grafo $G = (V, E, \psi)$, as identidades $\text{id}_V: V \longrightarrow V$ e $\text{id}_E: E \longrightarrow E$ definem um isomorfismo de G em G .
- Para cada isomorfismo de G em H , as funções $f^{-1}: V_H \longrightarrow V_G$ e $h^{-1}: E_H \longrightarrow E_G$ definem um isomorfismo de H em G .
- As compostas de isomorfismos são isomorfismos.

Definição

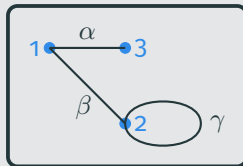
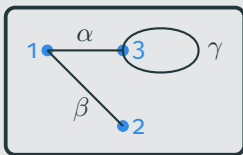
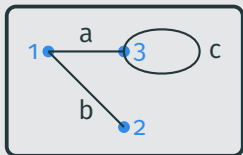
(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Definição

(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Nota

Intuitivamente, grafos isomorfos são «iguais a menos da etiquetagem dos vértices e aresta».



Definição

(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Nota

Grafos isomorfos tem «as mesmas propriedades de grafos».

Mais concretamente, sendo o par $f: V_G \longrightarrow V_H$ e $h: E_G \longrightarrow E_H$ um isomorfismo entre os grafos $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ (finitos). Então:

Definição

(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Nota

Grafos isomorfos tem «as mesmas propriedades de grafos».

Mais concretamente, sendo o par $f: V_G \longrightarrow V_H$ e $h: E_G \longrightarrow E_H$ um isomorfismo entre os grafos $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ (finitos). Então:

- Os grafos têm a mesma ordem e a mesma dimensão:

$$\nu(G) = \nu(H) \quad \text{e} \quad \epsilon(G) = \epsilon(H).$$

Definição

(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Nota

Grafos isomorfos tem «as mesmas propriedades de grafos».

Mais concretamente, sendo o par $f: V_G \longrightarrow V_H$ e $h: E_G \longrightarrow E_H$ um isomorfismo entre os grafos $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ (finitos). Então:

- Os grafos têm a mesma ordem e a mesma dimensão:

$$\nu(G) = \nu(H) \quad \text{e} \quad \epsilon(G) = \epsilon(H).$$

- G é simples se e só se H é simples.

Definição

(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Nota

Grafos isomorfos tem «as mesmas propriedades de grafos».

Mais concretamente, sendo o par $f: V_G \longrightarrow V_H$ e $h: E_G \longrightarrow E_H$ um isomorfismo entre os grafos $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ (finitos). Então:

- Os grafos têm a mesma ordem e a mesma dimensão:

$$\nu(G) = \nu(H) \quad \text{e} \quad \epsilon(G) = \epsilon(H).$$

- G é simples se e só se H é simples.
- Vértices correspondentes têm o mesmo grau:

$$\text{para cada } v \in V_G, d_G(v) = d_H(\varphi(v)).$$

Definição

(Di)grafos dizem-se **isomorfos** quando existe um isomorfismo entre eles.

Nota

Grafos isomorfos tem «as mesmas propriedades de grafos».

Mais concretamente, sendo o par $f: V_G \longrightarrow V_H$ e $h: E_G \longrightarrow E_H$ um isomorfismo entre os grafos $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ (finitos). Então:

- Os grafos têm a mesma ordem e a mesma dimensão:

$$\nu(G) = \nu(H) \quad \text{e} \quad \epsilon(G) = \epsilon(H).$$

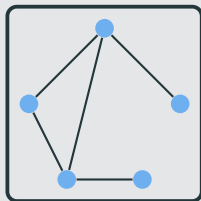
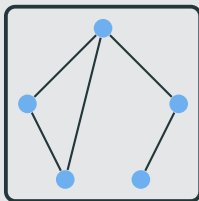
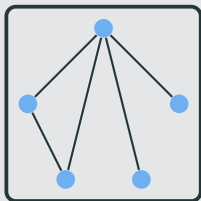
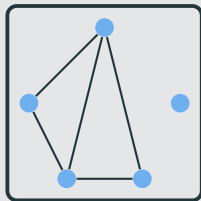
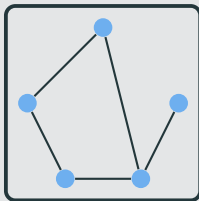
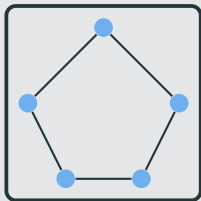
- G é simples se e só se H é simples.
- Vértices correspondentes têm o mesmo grau:

$$\text{para cada } v \in V_G, d_G(v) = d_H(\varphi(v)).$$

- Portanto: $\Delta(G) = \Delta(H)$ e $\delta(G) = \delta(H)$.

Exemplo

Representação gráfica de todos os grafos simples não isomorfos, com 5 vértices e 5 arestas:



Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. O grafo H diz-se **subgrafo** de G quando $V_H \subseteq V_G$, $E_H \subseteq E_G$ e ψ_H é a restrição de ψ_G ao conjunto E_H . Neste caso também se diz que G é um **supergrafo** de H .

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. O grafo H diz-se **subgrafo** de G quando $V_H \subseteq V_G$, $E_H \subseteq E_G$ e ψ_H é a restrição de ψ_G ao conjunto E_H . Neste caso também se diz que G é um **supergrafo** de H .

Nota

Cada grafo é subgrafo de si próprio.

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. O grafo H diz-se **subgrafo** de G quando $V_H \subseteq V_G$, $E_H \subseteq E_G$ e ψ_H é a restrição de ψ_G ao conjunto E_H . Neste caso também se diz que G é um **supergrafo** de H .

Nota

Cada grafo é subgrafo de si próprio. Se H é um subgrafo de G e $H \neq G$, então diz-se que H é um **subgrafo próprio** de G .

Definição

Sejam $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ e $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ grafos. O grafo H diz-se **subgrafo** de G quando $V_H \subseteq V_G$, $E_H \subseteq E_G$ e ψ_H é a restrição de ψ_G ao conjunto E_H . Neste caso também se diz que G é um **supergrafo** de H .

Nota

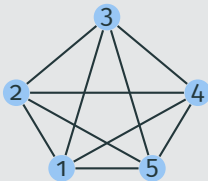
Cada grafo é subgrafo de si próprio. Se H é um subgrafo de G e $H \neq G$, então diz-se que H é um **subgrafo próprio** de G .

Definição

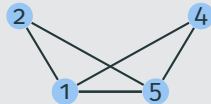
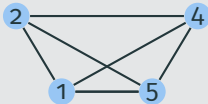
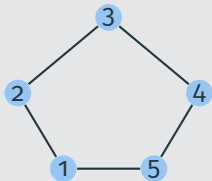
Um subgrafo $H = (V_H, E_H, \psi_H)$ de $G = (V_G, E_G, \psi_G)$ diz-se **abrangente** quando $V_H = V_G$.

Exemplos

Considere o seguinte grafo G .



Alguns subgrafos de G :



Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

- O **subgrafo $G[\hat{V}]$ de G induzido por \hat{V}** é o grafo cujo conjunto de vértices é \hat{V} e cujo conjunto de arestas é o conjunto das arestas de G com extremos em \hat{V} .

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

- O **subgrafo $G[\hat{V}]$ de G induzido por \hat{V}** é o grafo cujo conjunto de vértices é \hat{V} e cujo conjunto de arestas é o conjunto das arestas de G com extremos em \hat{V} .
- O **subgrafo $G[\hat{E}]$ de G induzido por \hat{E}** é o grafo cujo conjunto de arestas é \hat{E} e cujo conjunto de vértices é constituído pelos vértices extremos das arestas de \hat{E} .

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

- O **subgrafo $G[\hat{V}]$ de G induzido por \hat{V}** é o grafo cujo conjunto de vértices é \hat{V} e cujo conjunto de arestas é o conjunto das arestas de G com extremos em \hat{V} .
- O **subgrafo $G[\hat{E}]$ de G induzido por \hat{E}** é o grafo cujo conjunto de arestas é \hat{E} e cujo conjunto de vértices é constituído pelos vértices extremos das arestas de \hat{E} .

Nota

Tem-se $G = G[V]$ mas em geral $G[E] \neq G$. Por exemplo, para o grafo G



o grafo $G[E]$ é o grafo



De facto, $G[E] = G$ se e só se G não têm vértices isolados.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

- O **subgrafo $G[\hat{V}]$ de G induzido por \hat{V}** é o grafo cujo conjunto de vértices é \hat{V} e cujo conjunto de arestas é o conjunto das arestas de G com extremos em \hat{V} .
- O **subgrafo $G[\hat{E}]$ de G induzido por \hat{E}** é o grafo cujo conjunto de arestas é \hat{E} e cujo conjunto de vértices é constituído pelos vértices extremos das arestas de \hat{E} .

Nota

- Por definição, $G[V - \hat{V}]$ é o sugrafo gerado pelo complemento de \hat{V} , e escrevemos simplesmente $G - \hat{V}$. Ainda mais, se $\hat{V} = \{v\}$, escreve-se simplesmente $G - v$.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

- O **subgrafo $G[\hat{V}]$ de G induzido por \hat{V}** é o grafo cujo conjunto de vértices é \hat{V} e cujo conjunto de arestas é o conjunto das arestas de G com extremos em \hat{V} .
- O **subgrafo $G[\hat{E}]$ de G induzido por \hat{E}** é o grafo cujo conjunto de arestas é \hat{E} e cujo conjunto de vértices é constituído pelos vértices extremos das arestas de \hat{E} .

Nota

- Por definição, $G[V - \hat{V}]$ é o subgrafo gerado pelo complemento de \hat{V} , e escrevemos simplesmente $G - \hat{V}$. Ainda mais, se $\hat{V} = \{v\}$, escreve-se simplesmente $G - v$.
- Denota-se por $G - \hat{E}$ o subgrafo **abrangente** cujo conjunto de arestas é $E - \hat{E}$. Se $\hat{E} = \{e\}$ escreve-se simplesmente $G - e$.

Definição

Seja $G = (V, E, \psi)$ um grafo e sejam $\hat{V} \subseteq V$ e $\hat{E} \subseteq E$.

- O **subgrafo $G[\hat{V}]$ de G induzido por \hat{V}** é o grafo cujo conjunto de vértices é \hat{V} e cujo conjunto de arestas é o conjunto das arestas de G com extremos em \hat{V} .
- O **subgrafo $G[\hat{E}]$ de G induzido por \hat{E}** é o grafo cujo conjunto de arestas é \hat{E} e cujo conjunto de vértices é constituído pelos vértices extremos das arestas de \hat{E} .

Nota

- Por definição, $G[V - \hat{V}]$ é o subgrafo gerado pelo complemento de \hat{V} , e escrevemos simplesmente $G - \hat{V}$. Ainda mais, se $\hat{V} = \{v\}$, escreve-se simplesmente $G - v$.
- Denota-se por $G - \hat{E}$ o subgrafo **abrangente** cujo conjunto de arestas é $E - \hat{E}$. Se $\hat{E} = \{e\}$ escreve-se simplesmente $G - e$.

Atenção: Em geral $G[E - \hat{E}]$ e $G - \hat{E}$ são distintos.